

Os dilemas de *Boca do Inferno*: das perspectivas *moral e dialética* ao cânone literário

Boca do Inferno's dilemmas: from moral and dialectic perspectives to the literary canon

Karla Danielle da Silva Souza*

kdanielle21@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O presente artigo parte de reflexões a respeito das antologias lírico-amorosa, religiosa e satíricas de Gregório de Matos a partir dos aspectos sociológicos pertinentes em sua obra. Para tanto, entre seus poemas são abordadas questões referentes aos valores morais (moral) e a dialética presentes em seus escritos. Nesse sentido, objetiva-se explicitar, por meio de tais elementos, como se deu a entrada do autor barroco no cânone literário brasileiro. A bibliografia estudada foi orientada pelas obras de Cosson (2010), Medina (2013), Santos (2011) e Souza (2010), entre outros que colaboraram com o desenvolvimento das ideias. Foi possível perceber a relevância de um autor que marcou profundamente a literatura de Língua Portuguesa com um modo simples e particular de falar da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Antologias. Cânone. Moral. Dialética.

ABSTRACT:

This article stems from reflections on the lyric-loving, religious and satirical anthologies of Gregorio de Matos based on relevant sociological aspects of his work. Thus, among his poems questions regarding the (moral) values and moral dialectic are addressed in his writings. In this sense, our objective is to explain, through such elements, how the baroque author entered into Brazilian literary canon. The literature studied was guided by the works of Cosson (2010), Medina (2013), Santos (2011), and Souza (2010), among others who contributed to the development of the ideas presented. It was possible to verify the relevance of an author who profoundly marked the literature in Portuguese with a simple and private way to talk about reality.

KEYWORDS: Anthologies. Canon. Moral. Dialectics.

* Especialista em Literatura e ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e aluna de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Introdução

Os textos literários produzidos no Brasil a partir de 1601 denominadamente pertencentes ao estilo barroco apresentam traços caracteristicamente irregulares. Escreveu-se sobre amor, sobre valores morais, religião, entre muitos outros. O que marca esse estilo é justamente a ausência de um padrão de temas abordados pelos autores barrocos. Nesse contexto, Gregório de Matos obteve grande destaque entre os brasileiros desse estilo literário.

Gregório (1636 – 1696) é considerado o maior poeta barroco brasileiro. Sua obra permaneceu oculta por bastante tempo, e suas obras são intensas e sustentadas por sátiras. Além de falar da Bahia, o autor vive e escreve sobre a paixão humana, religião, natureza e reflexão. Seus textos de caráter crítico e irreverente lhe deram o título de “O Boca do Inferno”. Sua posição social possibilitou sua forma de pensar a respeito da sociedade na qual estava inserido.

Sua marca erudita era a natureza conflituosamente contraditória de suas poesias: espírito e carne; mulher pura e mulher vulgar; a santidade e o pecado, entre outras que serão apresentadas no decorrer desse texto, indicando a *dialética* presente em suas ideias. A centralidade da religião¹ nas poesias gregorianas perpassa toda sua obra e demonstra os traços da educação religiosa pela qual passou; também é notável sua formação em direito, evidenciando seu lado crítico, questionador e politicamente ativo. Assim, Santos (2011) afirma que:

O poeta barroco toma a narrativa bíblica não com intuito religioso ou para expressão de fé dogmática ou para conversão catequética de povos ao cristianismo; mas para formulação de manifesto repúdio, ou mesmo de indiferença, ao julgamento imputado por seus perseguidores (p. 68).

Matos obteve grande repercussão no mundo literário, não só no Brasil, como também em outros países de língua portuguesa. Seu pensamento crítico tem se prolongado pela história devido ao modo como abordou as mais variadas temáticas. Fazendo uso de uma linguagem simples e acessível, conseguiu transmitir, em seus poemas, o imaginário de muitos de sua época. No entanto, não se restringiu ao

¹ A religião apresentada nesse trabalho é a cristã, mais especificamente a católica. Trata-se da religião dominante no período no qual viveu Gregório de Matos e que ainda se prolonga nos dias atuais da sociedade brasileira.

pensamento ideal dominante, ou seja, pôs em conflito a autoridade da elite de sua época e o espírito humano. Assim, ao falar de temas como sexualidade, pecado, desejo e religiosidade, Gregório passou, do pensamento para palavras, um pouco do muito que constitui o ser humano.

Vale ressaltar a relevância do autor em apreço que, ao ir de encontro aos valores morais do período em que viveu, desmistificou determinados ideais religiosos, políticos e sociais. Assim, de certa forma, democratizou o pensamento e abrangeu o mundo da cultura que pode ser considerada popular. Sobre isso, Durkheim (1994) contribuiu com nossos estudos ao afirmar que a *moral* é um sistema de normas instituídas nas sociedades, constituído coletivamente e que influencia diretamente na vida de cada indivíduo. A *moral* constitui o modo de pensar e agir e, por conseguinte, a cultura de cada sociedade. Podemos considerar que ela é feita e refeita no decorrer da história a partir das relações sociais entre as classes e seus interesses, conforme apontou Marx e Engels (1999):

Não vê que o mundo sensível em seu redor não é objeto dado diretamente para toda a eternidade, e sempre igual a si mesmo, mas antes o produto da indústria e do estado da sociedade, isto é, um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma serie de gerações cada uma das quais ultrapassava a precedente, aperfeiçoando a sua indústria e o seu comércio, e modificava o seu regime social em função da modificação das necessidades (p. 26).

O período no qual viveu nosso poeta barroco foi marcado pelos conflitos ciência x religião e pecado x Deus. Com espírito libertário e crítico, Gregório centralizou suas poesias na crítica aos padrões dominantes de sua época. Falou dos ideais femininos, das indagações religiosas e questionou muito o modo de fazer política no contexto em que viveu. Investiu em criticar as autoridades políticas e a situação econômica dos lugares que frequentava. Assim, por enfrentar aqueles que corrompiam o Estado e a economia, obteve muitos desafetos que o chamaram de “Boca do Inferno”.

É importante destacar a relevância desse autor por suas contribuições ao campo literário. Seu enfrentamento aos padrões da época, suas críticas à cultura dominante – religião, política, amor – colaboraram para a constituição da literatura brasileira, promovendo a expansão de nossa produção literária para outros países de língua portuguesa.

Nesse sentido, Santos (2011) nos oferece grandes contribuições no que diz respeito ao fazer poético gregoriano. Ele utiliza a categoria “paródia” – ou seja, um “canto paralelo” (p. 22) que demonstra um caráter duplo do texto, refazendo-o e recriando-o – para designar esse fazer do autor baiano. Para Santos, Gregório faz poesias a partir de sua leitura bíblica, acrescentando seus anseios e conflitos.

Vale ressaltar que o cânone literário brasileiro é marcado por uma trajetória das elites – as quais determinavam o que era considerada literatura, tornando o cânone extremamente excludente e minimizando, ou até mesmo ocultando, a produção literária das minorias sociais. Nesse sentido, é possível compreender a importância de Gregório para a formação do cenário literário do nosso país. Foi um poeta que não se limitou a dizer os desejos dos grupos dominantes. Ao explicitar suas ideias a respeito da mulher comum – desmistificando o ideal de mulher pura e santa –, do questionamento que o ser humano tem a respeito dos valores religiosos e ao apontar a deficiência no sistema político, também falou dos anseios das pessoas comuns, do cotidiano e dos conflitos pelos quais passavam as pessoas daquele período mas que eram censuradas pelos valores morais vigentes.

Desse modo, compreendemos que o texto literário é uma forma de explicar a vida, o mundo e outras concepções e que só tem sentido porque o recebe do leitor, ou seja, é esse último que dá sentido à obra. Assim, o leitor estabelece relações com sua vida ou com a compreensão que tem sobre as coisas. Portanto, reconhecemos que esse autor se destaca por poder proporcionar leituras críticas a respeito de sua realidade, demonstrando a relevância do conhecimento crítico, pois é desse modo que pode existir a transformação da realidade, conseguindo mudanças significativas em relação à liberdade de pensamento e expressão.

O cânone literário pode se modificar durante a história, de acordo com os interesses e também por causa dos valores de determinado período. Dessa forma, nosso autor acaba se inserindo no cânone literário justamente por suas contribuições para mudança no pensamento da época em que viveu. Com sua postura crítica, forneceu importantes elementos para combater a hipocrisia religiosa, moral e política; desse modo, ajudou a democratizar os ideais das minorias, pois conhecer o que está por trás dos discursos excluídos é conhecer também parte de outra(s) história(s).

Para compreendermos como se deu a entrada de Gregório de Matos para o cânone literário, selecionamos suas antologias lírico-amorosa e satírica para analisar

e demonstrar o rompimento do autor barroco com os modelos ideológicos dominantes. Assim, apontar os caminhos que o levaram a um lugar de destaque no cenário literário brasileiro.

1 A moral em Gregório de Matos

A vida em sociedade se constitui coletivamente, e, do mesmo modo, são instituídos os valores e as práticas de cada grupo social. O indivíduo constrói a sociedade e é formado por ela. Comumente nas Ciências Sociais afirma-se que o social prevalece sobre o individual. A conduta social incorporada por cada indivíduo já é pré-estabelecida por gerações anteriores e pode ser modificada nas ações coletivas; ou seja, estamos em uma constante construção da sociedade, reproduzindo costumes, tradições, hábitos e, ao mesmo tempo, mudando-os e incorporando novos valores.

Nesse íterim, é possível perceber que muitas modificações socioculturais ocorrem a partir do questionamento de determinadas práticas e da mudança de postura dos sujeitos. Assim, podemos notar as contribuições de Gregório de Matos para a manutenção da ordem social por meio de suas poesias conflituosas, críticas e questionadoras. Ao passo que apresenta seu pensamento repleto de conflitos pessoais e da indignação diante da economia e da política de sua época, Matos representa também os anseios de grande parte dos sujeitos sociais de diversas classes. Desse modo, quando põe em dúvida aspectos religiosos, por exemplo, questiona as autoridades políticas, fala da sensualidade feminina, entre outros elementos. Esse autor compartilha do pensamento da maioria das pessoas que tinha seus pensamentos e expressões censurados pelos valores morais da época.

Como a *moral* trata do sistema de valores das sociedades em períodos determinados, a forma de pensar e agir das pessoas se dá conforme a *moral* presente em tal sociedade. Assim, a religião, os hábitos e as crenças constituem a *moral*. Nesse sentido, o pensamento dominante – a igreja, por exemplo, atribuindo a noção de pecado às desobediências – é concebido como algo natural e inquestionável. Sobre isso, Michel Foucault (1999) afirmava que o poder se faz aceito porque está associado ao conceito de verdade: “Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (p. 28). E é a partir dessa noção de verdade que as classes dominantes

impõem determinada autoridade e, de certo modo, coagem ou influenciam as demais.

Nesse contexto, é reconhecível o papel que Matos desempenha no que diz respeito a desmistificar ideias pré-concebidas sobre a realidade. Na verdade, esse autor mostrou-se como um grande pensador, crítico e questionador da realidade social. Transformou em poesia palavras que representavam o pensamento de todas as classes sociais, pois os conflitos religiosos, políticos, sexuais, afetivos e de cunho patriota estão presentes em todas as mentalidades.

Temos, em Gregório de Matos, um poeta de linguagem acessível aos leitores. Apresentou os ideais da grande maioria oprimida e demonstrou que as dúvidas fazem parte da incompletude do ser humano. Por isso, foi poeta religioso, lírico-amoroso, satírico e amoroso. Ele falou dos anseios e conflitos humanos de seu período com atenção aos sentimentos reprimidos e censurados.

2 O poeta religioso

Em suas poesias de caráter sacro, Gregório de Matos apresenta parte de seus conflitos pessoais que também são conflitos da maioria das pessoas de sua época. Seus textos são marcados pela devoção ao divino e, ao mesmo tempo, demonstram a quebra das regras da religião que tanto admira. Com palavras que expressam a crença no amor divino e infinito e na redenção dos pecados, nosso poeta indica certa desobediência aos valores cristãos, embora se mantenha em constante atenção à noção de pecado e punição, conforme podemos observar na poesia a seguir (MATTOS, 2010, p. 313):

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-nos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória

É possível notar que Matos é mediador nesse processo de questionar sua realidade e quebrar as regras vigentes. No poema acima, ele demonstra bem essa quebra da *moral* da sociedade, no caso, a *moral* religiosa. Se os valores religiosos de sua época impõem a ideia de obediência, de santidade e devoção, esse autor deixa claro que o ser humano é passível de erros, de falhas e tentado ao pecado, conforme ele acredita. Nesse sentido, afirmava Durkheim (1994, p. 58):

As regras morais estão investidas de autoridade especial em virtude da qual são obedecidas, porque elas ordenam. Encontraremos desse modo, embora por uma análise puramente empírica, uma noção de dever que leva a uma definição muito próxima daquela que foi dada por Kant (...) Mas a noção de dever (...) não esgota a noção de moral. É impossível que nós cumpramos um ato unicamente porque nos foi ordenado, com abstração de seu conteúdo. Para que possamos nos desempenhar como sujeitos, é necessário que o ato desperte de alguma forma a nossa sensibilidade, ou seja, que se apresente a nós, de certo modo, como desejável.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que o ser humano é um ser social e que estabelece vínculos com os demais integrantes dos grupos sociais, é justamente esse vínculo que possibilita a instituição da *moral*, pois, a partir das relações sociais, é que são estabelecidos os costumes e hábitos predominantes. A *moral* compreende tanto a ideia de autonomia quanto a de heteronomia, bem como as noções de vontade e de obrigação. Desse modo, os sujeitos sociais acreditam ter valores e opiniões próprios, que pensam por si próprios, quando na realidade suas ações e seus hábitos já estão pré-determinados antes de suas existências, como também seus pensamentos são diretamente influenciados e determinados socialmente, conforme nos indicou Marx e Engels (1999): “Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”.

Nesse contexto, concebemos o parodista como peça fundamental na manutenção da ordem social. Esse autor fornece elementos para a compreensão das ideologias dominantes de sua época. Em suas poesias, é possível perceber quais valores eram considerados corretos e que deveriam ser seguidos por todas as pessoas. Aqueles que não se enquadravam ou não obedeciam às normas sociais sofriam sanções: exclusão social, denominação de loucos ou, como no caso do nosso autor, de “Boca do inferno”, pois mostrou resistência ao pensamento das classes dominantes.

No poema A Jesus Cristo Nosso Senhor (MATTOS, 2010, p. 313), palavras como *pecado*, *piedade* e *perdoar* afirmam o caráter religioso presente nas ideias de Matos. Ao mesmo tempo, essas mesmas palavras apontam um sentido humano de falha e de desobediência, reafirmando, então, a quebra dos valores religiosos vigentes e, portanto, da *moral*.

Transitando entre poesias e textos bíblicos, Gregório nos faz questionar se reza em poemas, conforme indica Santos (2011). Ele ainda reforça o argumento a respeito do enfrentamento de Matos à *moral* de sua época:

Os poemas de Gregório de Matos são verdadeiras releituras bíblicas, elaboradas mesmo sobre forte coerção de exegese normativa cuja força em seu tempo se fazia impor. Sua elaboração poética afronta um mundo de dominação católica ao fazer nascerem poemas em sintonia com a estética de seu tempo, mas para enfrentamento do poderio religioso responsável pela criação da arte segundo os padrões das resoluções tomadas no Concílio de Trento (1545-1563) (SANTOS, 2011, p. 35).

Por seu jeito distinto de falar do sagrado, nosso autor apresenta a religião de um modo discordante dos sacerdotes e demais representantes da igreja. Santos (2011) ainda nos afirma que ele proporciona uma “leitura capaz de destronar o sagrado para levá-lo ao cotidiano, por si mesma tão dissonante do modo empregado pela exegese cristã, foi motivo de escândalo para sua época” (p. 39). Assim, pode-se constatar que, mesmo imbuído de religiosidade, Matos não deixa de lado seu espírito crítico. Além disso, traz em suas poesias os elementos cotidianos das pessoas comuns, contradizendo o ideal religioso de santidade.

3 O poeta lírico-amoroso

Uma das muitas faces de Gregório de Matos é a de poeta lírico-amoroso. É também nesse ponto que faz de suas palavras arma contra toda dominação de desejos, ideias, pensamentos. Em Gregório, o papel da mulher não se limita à pureza tão pregada pela religião. A ousadia de suas palavras traz à tona os anseios mais íntimos do autor e de tantas outras pessoas. Se a sensualidade e o erotismo eram condenados pela igreja, ele nos mostra mais uma vez que o ser humano não é um poço de santidade como pregava a religião e que todos são dotados de desejos e sentimentos carnis.

Mais do que exaltação à sexualidade, à sensualidade, ao erotismo e à beleza dos corpos, suas poesias amorosas são como uma espécie de protesto contra a *moral* vigente, contra as ideias dominantes a respeito de amor e de sexo. Tratava-se de uma proposta de romper com os tabus referentes ao amor e ao sexo e que acabavam limitando as realizações sexuais e afetivas: ora fala do amor sofredor, ora do amor puro e do amor carnal. Em suas poesias, a mulher é muitas vezes comparada a elementos da natureza, como também a aspectos celestiais/divinos, conforme o poema dedicado a D. Ângela (MOISÉS, 2005, p. 43):

Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós, se uniformara:

Há, nas paródias gregorianas, sentimentos relacionados ao amor elevado e ao amor obsceno/erótico. Nesse sentido, a partir das leituras de suas poesias, reafirma-se a quebra da *moral* vigente, a qual apresentava a mulher conforme idealizada pela religião. Isso se dá porque os valores religiosos sempre contribuíram e dominaram para a formação do pensamento das pessoas de determinada sociedade. Assim, Matos democratiza um ideal de liberdade de pensamento e expressão. Se antes dele as ideias acerca da sexualidade limitavam-se à intimidade, passaram a ser compartilhadas por muitos. Matos possibilitou um reconhecimento dos desejos e vontades das pessoas diante de seus poemas. Compreendia-se, então, que todos eram dotados de sentimentos de todo tipo, e era possível pensar e viver tais anseios sem se privar da plena realização amorosa.

A poesia lírico-amorosa de Gregório de Matos abrange uma variação de temas. Suas palavras passam pela idealização de um amor puro, e ao mesmo tempo, de um amor carnal. Às vezes, expressam o amante e sua timidez e a indiferença da amada.

Temos, em nosso poeta barroco, as mais diversas variações e concepções do amor. Muitos de seus poemas dizem muito de suas experiências, como também de seus desejos e de sua imaginação, ou até mesmo a idealização que tem a respeito desse sentimento.

4 O poeta satírico

Em seus poemas, Gregório de Matos atacou veemente e ferozmente o clero e todas as autoridades da sociedade baiana. Estavam entre os atacados todas as classes sociais (ricos, pobres, comerciantes, e outras.) e todas as etnias que compunham o Brasil colonial. Concentrou-se em fazer uma verdadeira crítica à vida colonial brasileira do século XVII.

“Boca do Inferno” satirizava desde autoridades religiosas às classes de comerciantes e, até, os próprios amigos. Sua rebeldia contribuiu para questionar os valores dominantes de sua época e disseminar o pensamento das minorias até então oprimidas. Portanto, foi considerado um porta-voz das dores dos excluídos socialmente.

Por sua personalidade forte, explosiva e vocabulário agressivo, Matos fez paródias irreverentes, o que acabou gerando perseguições. Suas críticas fervorosas passavam pelo contexto brasileiro, especialmente baiano, e também pela sociedade portuguesa de onde originava sua família.

Num período no qual a imprensa era proibida no Brasil, esse autor mostrou-se como importante ferramenta para as mudanças sociais e culturais na sociedade brasileira. Com suas palavras sagazes contra tudo aquilo que considerava irregular, manteve sua postura, apesar das perseguições e até mesmo de ser deportado do país. Seus sentimentos diante do inconformismo da população em relação à exploração da colônia, à corrupção, entre outros fatores, contribuíram para que Gregório se tornasse o poeta ativo e crítico e com sentimento nativista. No poema abaixo, é possível observar bem essa preocupação gregoriana (MOISÉS, 2005, p. 47-48):

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem freqüente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

Nesse poema, é notável tanto o espírito crítico em relação à má administração política quanto ao sentimento nativista referente à Bahia. Além disso, chama a atenção para elementos que não contribuem para o desenvolvimento do lugar como a fofoca: “Em cada porta um bem frequente olheiro”.

Em muitos outros poemas, o autor deixa claro que há insatisfação de sua parte diante de muitos problemas por ele apontados no decorrer de sua trajetória. Às vezes, faz uso da ironia em sua linguagem poética como um modo inteligente e sagaz de criticar seus desafetos. Outras vezes, usa uma linguagem silenciosa para diagnosticar o que acredita ser os males do país, preocupando-se, especialmente, com a situação econômica do país, a corrupção por parte das autoridades políticas e militares, a hipocrisia do clero e a incompetência da justiça, entre muitos outros elementos.

É notável a atualidade do conteúdo dos poemas gregorianos: sua preocupação com a política e economia, a influência desmedida da religião e, entre muitos outros fatores, a corrupção que tem se tornado um aspecto cultural em nosso país, demonstrando que tem se prolongado, na história de nossa sociedade,

resquícios de um período de exploração e que o sentimento de nativismo não foi disseminado em todos, como no caso de Gregório. Numa parcela da população, o sentimento que ficou foi o de exploração para benefício próprio, marcando a sociedade brasileira com a corrupção.

Vale salientar que, assim como nos poemas religiosos e amorosos, Gregório de Matos utiliza também em suas poesias satíricas sua forte característica de ridicularizar seus desafetos e criticar as sociedades brasileira e portuguesa. Assim, mais uma vez contribui para o enfrentamento da *moral* da qual nos fala Durkheim (1994), como um sistema de regras de valores que constitui o pensamento coletivo e individual, constituído pelo indivíduo na coletividade.

5 A dialética nas poesias gregorianas

A *dialética* é um recurso utilizado por muitos teóricos para análise de ideias, contextos e fatos da história da humanidade. Entre alguns deles, pode-se citar Hegel (1989), que apresenta a *dialética* como um instrumento para compreensão da realidade. Portanto, a dialética hegeliana é composta pela tríade: tese – síntese – antítese.

Nesse sentido, por exemplo, se a existência de um governo pode ser chamada de *tese*, teríamos que pensar o que seria oposto a esse tipo de governo (*antítese*). Na relação de confronto entre essas duas ideias com conceitos e perspectivas distintos, surgiria o consenso entre os dois tipos de governo (*síntese*). De modo sucinto, para Hegel, a mente humana só consegue compreender as coisas a partir de duas faces opostas – certo/errado, bem/mal, alto/baixo, capitalismo/socialismo, etc.

Marx e Engels (1999) inspiraram-se em Hegel para buscar explicar a realidade. Todavia, se para Hegel a *dialética* se realiza no plano das ideias, para Marx e Engels ela se aplica na prática, nas relações materiais. A originalidade deles está em aplicar tal conceito às relações econômicas e sociais, fornecendo grandes contribuições para a interpretação e ação do/no mundo.

Nesse sentido, a *dialética* pode ser considerada a arte de dialogar e debater ideias e fatos opostos. Sendo assim, podemos reconhecer a presença desse instrumento nos poemas de Gregório de Matos. Ele demonstrava conflitos nas mais diversas temáticas abordadas por ele, desde amor até as críticas às questões

políticas e econômicas. Trata-se de um modo de compreender e refletir a realidade na qual estava inserido.

Observemos a presença do método dialético no Gregório poeta amoroso no mesmo poema citado anteriormente dedicado a D. Ângela. Ora apresenta a mulher como flor (algo que tem brevidade), ora como anjo (algo divino/eterno), como no trecho “*Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.*” Percebemos, portanto, a oposição entre anjo (algo puro e divino) e a tentação (elemento terreno e que aproxima o homem do pecado e o distancia da divindade).

Em outra face, a de poeta religioso, também nota-se o uso do recurso dialético, conforme vemos a seguir (MOISÉS, 2005, p. 42):

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica todo.

O autor parece brincar com as palavras, estabelecendo um jogo entre elas para falar de seu conflito diante da religião. Apresenta uma relação de interdependência e dualidade entre *o todo* e *a parte*, portanto, demonstrando também a *dialética* em seus poemas.

Ainda chamamos a atenção para as poesias de caráter satírico. Nelas, vemos mais uma vez a inteligente construção *dialética* de sentimentos sobre a realidade política, social, econômica e cultural de sua época. Vejamos nos trechos adiante (MATTOS, 2010, p. 41):

Que falta nesta cidade?...Verdade.
Que mais por sua desonra?...Honra.
Falta mais que se lhe ponha?...Vergonha.

Suas palavras demonstram bem sua preocupação com a capital baiana, como também suas críticas à administração e à corrupção presentes na sociedade brasileira. Além disso, expressam um sentimento de patriotismo intrinsecamente ligado à insatisfação e à falta de adaptação com o ambiente no qual vivia e com as peculiaridades de tal cenário.

Também na linguagem, nota-se a dualidade caracteristicamente gregoriana, impondo ao leitor o raciocínio a partir de uma lógica *dialética*. No soneto intitulado Aos Caramurus da Bahia, pode-se perceber a relação de oposição, o jogo dialético entre a Língua Portuguesa e a Indígena, especificamente a Tupi (MATTOS, 2010, p. 108):

Há coisa como ver um Paiaiá
Mui prezado de ser Caramuru,
Descendente do sangue tatu,
Cujo torpe idioma é Cobepá?

A linha feminina é Carimá
Muqueca, pititinga, caruru,
Mingau de puba, vinho de caju
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um Aricobé,
Cuja filha Cobé, c'um branco Pai
Dormiu no promontório de Passé.

A partir dos poemas mencionados nessa seção, compreende-se que o uso do instrumento dialético perpassa toda a obra gregoriana. O que torna, contudo, interessante à sua obra não são as influências, mas sobretudo o fato de que, imerso num ambiente culturalmente colonizado, soube o poeta baiano criar versos contaminados de brasilidade tanto no que diz respeito à utilização de uma linguagem, que mistura o tupi e a língua portuguesa cotidiana, quanto no que se refere à Bahia captada em sua obra:

6 Das perspectivas *moral e dialética* ao cânone literário

Ao destinar o espaço da literatura das minorias, possibilita-se o questionamento de determinados padrões, como também o rompimento com certos preconceitos. Além disso, é possível reconhecer a contribuição para a sociedade ao tornar arte eventos comuns, considerados “errados” ou “estranhos”. Assim, falar de

temas como sexo, desejo, questionamentos religiosos, corrupção pode ser considerada uma forma de fazer literatura.

O cânone literário, que predominantemente privilegiou obras provenientes dos grandes centros econômicos, também passou por outras perspectivas. Compreendo que a literatura não é algo fácil de definir. Embora, muitas vezes, se tenha a ideia do texto literário como algo de difícil leitura ou de escrita rebuscada, é possível afirmar que, na literatura, também estão presentes palavras mais comuns que discorrem sobre nosso cotidiano.

Nesse sentido, o autor escreve o texto literário conforme sua compreensão de vida e do mundo e compartilha dessa experiência com os leitores. O autor tem a importante função de possibilitar que outras pessoas conheçam a realidade ou o imaginário que vive/viveu ou cria/criou. O modo como ele escreve e leva o texto ao público é que difere de outros gêneros.

Cosson (2010) afirma que o *espaço do contexto* está relacionado à realidade de mundo da obra literária. É aquilo que vem com o texto, pois, de acordo com o autor, a leitura traz consigo referências do mundo. Assim, explorar o contexto literário é perceber que, a partir de determinada obra, a literatura aponta para uma diversidade de conhecimentos por meio de vários textos e também pelo diálogo.

Desse modo, a obra literária nunca é ultrapassada. Ela diz muito sobre uma época, mas dialoga constantemente com outras perspectivas e produz novos significados. Sobre isso, Ana Santana (2010, p. 7) afirma:

A obra literária não é um acontecimento que ficou no passado, ela dialoga com a cultura que a recebe. Essa cultura produz novos objetos e estes alteram a tradição, impõem-lhe uma leitura diferente, assim como a tradição fornece elementos para a compreensão do contemporâneo.

Percebemos, então, a relevância de Gregório de Matos para a formação do cânone literário brasileiro. A história da literatura de nosso país se confunde com a trajetória de nosso poeta. Como já mencionado nesse artigo, seu pensamento vai de encontro com os padrões dominantes de sua época, como também democratiza as ideias das minorias oprimidas.

Em sua pesquisa de dissertação, Medina (2013) afirma que os primeiros esforços para formação do cânone literário brasileiro têm o nome de Gregório de

Matos como presença obrigatória tanto pela qualidade de seus versos, quanto pela produção copiosa. Conforme nos indica a autora, nosso autor baiano aparece muitas vezes ressaltado positivamente e outras vezes deplorado,.

Desse modo, destaca-se a vida de um poeta dedicado a tecer críticas sobre a sociedade na qual esteve inserido, como também chamamos a atenção para a produção literária que refletia sua forma de interpretar e compreender o mundo. Sua resistência aos padrões dominantes e seu enfrentamento demonstram sua personalidade forte a partir de seus poemas. Ao passo que fala de seus sentimentos e sensações, democratiza os desejos e intenções de muitas outras pessoas.

Considerações finais

O Barroco estabelecia uma relação dialógica entre o ideal medieval e espiritual e os valores que surgiam com o Renascimento – o humanismo, passando pelo gosto e pela dúvida entre as coisas divinas e as terrenas e carnisais. Esse estilo literário e artístico expressava bem as contradições da época. Encontramos todas essas características em nosso poeta baiano.

Desde o poeta amoroso, religioso ao satírico e erótico, desempenhou um papel questionador e de resistência. Emitiu denúncias às autoridades e, embora tenha deixado claro seu desprezo pelos mestiços (fato explicado pelo contexto no qual viveu), produziu inúmeros poemas que expressaram bem seus desejos mais íntimos e sua indignação diante da política e da economia.

Colaborou no processo de desmistificação de uma realidade utópica desejada e pregada pela religião. Além disso, apresentou o ser falível e conflituoso que é o homem. Considerado o maior poeta barroco brasileiro, recebeu o apelido de o “Boca do Inferno” justamente por cumprir o papel de crítico e importuno contra as classes dominantes.

Ao satirizar os costumes de sua época e denunciar a corrupção, Matos mostrou-se como importante elemento de construção de uma nova identidade cultural. A partir dele, foi possível às pessoas comuns pensar que é válido questionar determinadas práticas e ainda percebe-se como parte integrante de uma sociedade hierárquica, desigual e hipócrita.

Seus poemas demonstram um homem em conflito religioso e amoroso que não se preocupou em manifestar, com palavras, seus sentimentos mais íntimos. Ao

falar da mulher com desejo, do erotismo nas relações, do homem pecador, entre outros, ajudou a democratizar o pensamento das minorias. Seu modo de falar dos sentimentos e das situações de forma dual reflete bem a influência da *dialética* em seu pensamento. Trata-se de como o ser humano consegue compreender a vida e a realidade, sempre em relações binárias. Além disso, a sua obra demonstra ainda a relação conflituosa do autor, da sociedade (religião, aristocracia, etc.) e de cada indivíduo, imersa em um estilo predominantemente dialético – o Barroco.

Vale salientar que toda a sua produção literária, de forma intencional ou não, colaborou intensamente para a quebra da *moral* vigente, conforme afirma Durkheim (1994). Questionou os valores de então, enfrentou as práticas da época e criticou as formas de conceber e de administrar veemente. Tudo isso se contrapôs aos valores morais das classes dominantes.

Portanto, é possível perceber, no poeta patriota, amoroso, religioso, erótico, uma forte relação com a autenticidade. Gregório de Matos não se deixou intimidar por sua expulsão do país, nem por possíveis ameaças. “Boca do Inferno” traz à tona a proximidade entre céu e inferno, pureza e desejo carnal, santidade e pecado. Assim, indica que a realidade, além de conflituosa, não é estática; ela passa por movimentos, rupturas, relações dialéticas e, por conseguinte, pela quebra e renovação de valores morais.

Referências

CAVALCANTE, Moema. A contextualização e intertextualidade literária. In: ULBRA (Org.). *Metodologia de ensino de literatura*. Curitiba: IPBEX, 2009, p. 29-40.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 55-68. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20).

DURKHEIM, Émile. *Lições de sociologia: a moral, o direito e o Estado*. São Paulo: EDUSP, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HEGEL, G.W. F. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

KANT, Imanuel. *Crítica da Razão Pura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Fonte digital, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ideologiaalema.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

MATOS, G. *Poemas escolhidos*. Seleção, prefácio e notas de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MEDINA, M. J. S. Gregório de Matos: o problema, o método e o problema do método. *Nau Literária*, Porto Alegre, vol. 09, n. 01, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/38301>>. Acesso em: 07 ago. 2014.

MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

SANTOS, C. S. *Deus e o Diabo na Poesia de Gregório de Matos*. 2011. 201 fls. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

SOUZA, Ana Santana. *Literatura e história: implicações contemporâneas*. 2010. Monografia (Especialização em Literatura e Ensino) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2010.